

# Restos arqueológicos de Vila do Conde

## I

### O CASTRO DE ARGIFONSO

POR

F. RUSSELL CORTEZ

---

Teria a maior actualidade um estudo de conjunto dos materiais recolhidos ou entrevistados nos povoados castrejos do N. O. da Península Hispânica. Da posição sistemática destes elementos resultaria, disso estou certo, um mais perfeito conhecimento do que foi a evolução cultural dos citanienses, avoengos nossos.

A origem deste aspecto cultural, peculiar ao recanto Norte Ocidental da Hispânia, tem de buscar-se nos tempos do Neo-eneolítico, profundamente modificado pela expansão e desenvolvimento, ainda pouco estudados, da cultura de Alcalar, pelas suas relações com outras culturas atlânticas e ainda pelas migrações célticas. Mais tarde tal aspecto é influenciado pela civilização trazida pelos povos do *Latium*, integrando também no seu património cultural e artístico alguns elementos pertencentes aos povos suevo-visigóticos, — povos que por aqui se demoraram e os quais a pouco e pouco foram absorvidos.

São múltiplas as questões suscitadas pela interferência da chamada Cultura Castreja — aspecto que nesta região tomou a cultura do bronze final com a *hastática* provinda do centro europeu — questões das mais importantes da etnologia peninsular.

A Cultura Castreja bem pode ter resultado duma estratificação de elementos trazidos em diversas épocas por populações que desde os finais da Idade do Bronze para aqui vieram e influenciaram profundamente os gostos das populações preexistentes.

Todavia, por entre caracteres de ascendência céltica, outros surgem. São ressaibos mais antigos, perdem talvez o sentido. No entanto continuam a empregar-se temas ornamentais da mais remota ancestralidade. Talvez um refluxo de velhos temas que daqui tinham sido levados séculos antes e regressavam ao seu primitivo solar — embora ligeiramente modificados por diferentes meios, diferentemente interpretados por outras gentes.

Através de inúmeras manifestações fácil é verificar serem estas populações arraigadamente conservadoras, aferradas a usanças e velhas costumeiras.

Quem quiser estudar tal cultura que preenche principalmente nesta parte de Portugal os tempos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Idade do Ferro tem forçosamente de conhecer os povoados que perto das margens do Ave se distribuem pelas alturas dominantes.

As mais importantes estações arqueológicas pertencentes à área dos Castros, existentes perto deste rio, são: Citânia de Briteiros, estudada pelo sábio Martins Sarmiento, pessoa que pela primeira vez chamou a atenção do mundo culto para tal espécie de monumentos; a Cidade de Alvarelhos, nos tempos romanos conhecida por cidade de Palmazão, estudada por José Fortes. Nas proximidades da orla litoral ou das margens deste rio situam-se: a Cidade de Terroso (1), escavada por Ricardo Severo, e a Cidade de Bagunte, principiada a escavar por Severo e Fonseca Cardoso, ao redor das quais se distribuem vários outros pequenos castros, reveladores de uma grande densidade populacional e apresentando por vezes curiosos aspectos que são de imprescindível conhecimento para o esclarecimento desta cultura.

---

(1) Sobre a Cidade de Terroso, bárbaramente destruída há anos pela incultura dos lavradores locais, preparo uma memória de forma a serem divulgados os importantes materiais descobertos pelas escavações de Ricardo Severo e José Fortes em 1906, e existentes no Museu Nacional de Soares dos Reis.



Toda esta região ao redor do Monte da Cidade de Bagunte tem um grande interesse arqueológico a suspeitar pelos inúmeros lugares onde por obras de acaso têm aparecido múltiplos objectos, documentos que servem para, à distância de quase dois milénios, reconstituir o que foi o povoamento desta área nos tempos hispano-romanos.

Já Ricardo Severo <sup>(3)</sup> nos informa do aparecimento em S. Martinho, a quando da derruba de umas tantas árvores, dumas construções de tijolo, formando espécie de arruamento, tendo alinhados dum e doutro lado uns fornhos de barro.

Ao romper a via férrea da Póvoa a Famalicão, mesmo junto da românica igreja de S. Pedro de Rates, surgiu um cemitério de inumação do qual se violaram três ou quatro sepulturas, aparecendo os esqueletos bem conservados. Estas sepulturas de planta trapezoidal eram feitas com grandes tijolos na base e telhas de rebordo, lateralmente. Necrópole de iguais características apareceu há poucos anos em Touginha.

Também no Vilar, nos terrenos pertencentes ao Sr. Adelino da Costa e Silva, foram encontrados restos arqueológicos — fragmentos de louças domésticas, bocais de ânforas, pedras de moinho, cantarias lavradas, etc. —, a quando da abertura de poços, o que nos indica ter o topónimo «Vilar» uma cabal explicação; confirma a existência ali, nos tempos romanos, duma exploração agrícola <sup>(4)</sup>.

Nas proximidades do Vilar, em Santagões, existem os restos dum importante acampamento militar romano que estudamos adiante.

---

(3) Aut. cit. — *Paleoethnologia Portuguesa*, Porto, 1888, pág. 82, nota 1.

(4) Aproveito este ensejo para publicamente agradecer ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>o</sup> António da Costa e Silva e Sr. Adelino da Costa e Silva, as inúmeras deferências e atenções com que me cumularam durante a minha estadia na sua casa, no decurso de três campanhas de escavações que em 1944, 45 e 46 realizei em Bagunte.

\*

\* \*

No decurso de qualquer trabalho de escavação arqueológica é interessante deixar livremente disreter o pessoal operário sobre as antigualhas e as lendas da região. Assim procedo habitualmente, procurando depois visitar os lugares referidos e, sempre na companhia do informador que se revela melhor documentado, avaliar do interesse e extensão dos monumentos citados na conversa.

Certo dia de Agosto de 1944, falava-se dum túnel — segundo a imaginação popular quase sempre existente nas proximidades das ruínas citanienses — que serviria para os habitantes levarem os gados a beber ao Rio Este, em ocasião de prélio ou assédio. Então um dos cavadores falou ter visto, nas imediações, durante certos trabalhos agrícolas, uma mina de água, forrada não de capas de pedra, mas sim de telhas grossas, idênticas a uma *tegula* por ele levantada na ocasião. Segundo a opinião deste trabalhador, tal mina era dos tempos dos mouros e ficava nas proximidades, no sopé do Alto dos Caramouchos, também conhecido pelo Alto dos Castelos, a cerca de 200 metros a norte da Cidade e já na vizinha freguesia de Arcos. Fui ao citado lugar, em vez de tal mina não encontrei senão restos duma necrópole romana, de baixa época e que mais tarde escavarei.

O Alto dos Caramouchos era um antigo castro. Pela sua topologia e situação facilmente defensável, deveria ter desempenhado importante papel na defesa e resguardo da Cidade de Bagunte.

Investigando quais os topónimos das imediações, encontrei, ao fundo da eminência castreja, duas mimosas e férteis casas de lavoura, conhecidas por Gifonso de Baixo — casa onde nasceu o actual Arcebispo de Braga — e Gifonso de Cima. Mais me informaram ser Agrifonso o nome antigo daqueles lugares.

Deste nome e com uma pequena variação temos o *Argefonsi*, topónimo abundantemente citado nos documentos dos séculos X, XI e XII.

Creio ficar, assim identificado o Castro de Argefonsi, nos restos actuais do Alto dos Caramouchos, uma vez que não só fica perto das margens do Este, como *subtus mons Civitas Boconti*.

A confirmar esta identificação reproduzo das « Memórias Paroquiais » de 1758: « *No monte da Cividade asima referido (Bagunte) houve antiguamente hũa Cidade chamada Brachalense ou por outro nome de Azeroso pella parte do Norte lhe ficava por sua defesa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello so apparecem hoje alguns vestigios* ».

Merecem estas ruínas um pouco de atenção, pois o espólio exumado promete ser, de certo modo, abundante e esclarecedor duma época avançada desta cultura. Não podemos, porém, esperar o encontro de numerosos especimes de mobiliário intacto ou razoavelmente conservado, uma vez que o cômodo tem sofrido inúmeros maus tratos pelos lenhadores e montantes que ali têm exercido os seus misteres.

Um pequeno, mas metódico, trabalho salvará o que resta desta antiga povoação que seria antanho um prolongamento arrabalдино da Cividade de Bagunte.

Esse aglomerado castrejo, no seu conjunto, constava de numerosa associação de cabanas encastradas na encosta, por vezes alcantilada, do montículo ou então agrupadas em sucessivos socialcos, orlados de muros, que simultâneamente suportavam as terras e serviam de elementos defensivos. Sempre que possível aproveitavam as rochas existentes, incorporando-as nas muralhas ou alicerçando estas para ganharem altura.

Se avistarmos o âmbito interior do recinto amuralhado, ou seja o conjunto da parte mais alta do castro, vemos os restos das choças castrejas distribuídas como que em sucessivos bairros

extramuros, dispostas em degraus. À parte mais elevada do Castro de Argifonso, onde são visíveis alguns alicerces de choças

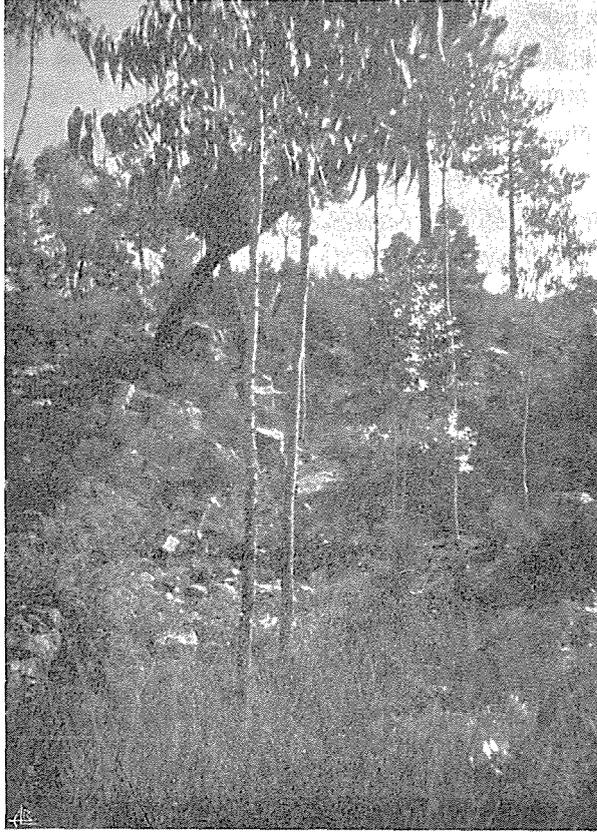


Fig. 2 — Aspecto do Castro de Argifonso. No primeiro plano, à esquerda, restos da muralha

circulares é a melhor conservada, pois o resto, devastado por lenhadores, montantes e carvoeiros, revolido por ciprianistas buscadores de tesouros, mostra-se destruído, aparecendo a granel, por toda a parte, restos do espólio cerâmico ou metálico, muitas vezes posto a descoberto pelas escorrências da água atmosférica.

\*

\* \*

Do material que recolhemos ficou-nos a impressão de que esta povoação foi profundamente romanizada; porém, por outros elementos obtidos em mais detalhado estudo, pensamos que com toda a probabilidade este povoado perdurou nos tempos da

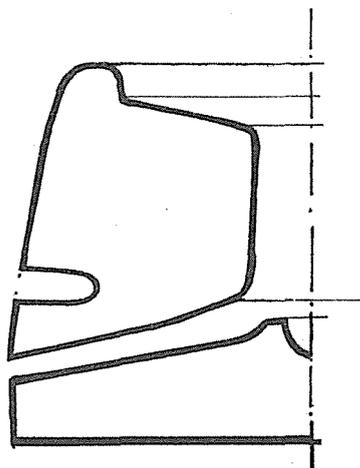


Fig. 3 — Corte dum moinho manual

dominação germânica e assim tem um redobrado valor para o estudo dos tempos finais da cultura castreja.

Se aos frequentes achados de *molae manuariae*, de dormentes e andadeiras, das peças constitutivas dos moinhos usados nos nossos castros, nos tempos posteriores à chegada dos Romanos, não podemos atribuir-lhes o valor cronológico que indiscutivelmente têm, é por ainda se não ter procedido, entre nós, ao seu estudo de conjunto, ao estabelecimento da sua tipologia e do *lapsus* em que cada tipo foi usado nas diferentes regiões do país. Reconheço o grande interesse que teria a comparação dos

nossos moinhos manuais com os encontrados noutras regiões estranhas ao solar hispânico (5). Tem sobeja razão Garcia y Bellido (6) quando diz: «*Los molinos de mano tienen su evolucion propia y, sin duda tambien sus diferencias regionales, asi, como otras características que bien estudiadas y classificadas, pueden suministrar datos cronologicos de interés indudable*». Associado com este moinho manual que mostra um progresso na vida agrícola regional, aparece um outro tipo que denota uma sobrevivência primitiva. É formado por um bloco paralelepédico, ligeiramente escavado numa das faces, face por onde deslizava uma outra pedra. Do consecutivo roçar e deslize desta pedra sobre a outra resultava a farinação das sementes a panificar. De ambos os tipos são frequentes os achados em todos os castros e cidades do N. O. sem exceptuarmos as Astúrias.

Não faltam restos de pias talhadas no granito regional, assim como os pilaretes troncocónicos, com um estrangulamento perto da extremidade redondeada e que bem podiam ter servido para amarrarem os vincilhos empregues para melhor prender os colmeiros do telhado ou para no interior das choças suspender as painéis sobre a lareira.

\*

\*   \*   \*

Aparecem também numerosos fragmentos de *tegulae* e *imbrices*. Nalgumas telhas de rebordo são notórios os indícios das marcas

---

(5) Vd. Gordon Childe — *Rotary Querns on the Continent and in the Mediterranean Basin*, in «*Antiquity*», vol. XVII, pág. 19, 1943.

L. Pericot — *El interés actual por los molinos a mano*, in «*Arquivo de Pré-história Levantina*», pág. 353, vol. II. Valência, 1946.

(6) *El castro de Coaña (Asturias)*, in «*Arq. Esp. de Arqueología*», n.º 42, Madrid, 1941.

do oleiro indígena, especialmente as produzidas pelo deslizar das polpas dos dedos. Dando uma nota palpitante de vida não falta por vezes a impressão das patas de animais domésticos, cães ou vitelos.

São relativamente abundantes os restos de louças domésticas de pasta areenta e muito micácea em certas olarias. Noutras a existência de louças com cristais de pirite incorporados na pasta

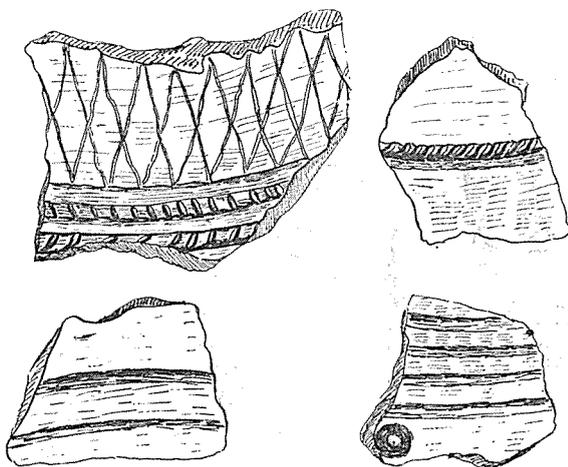


Fig. 4 — Cerâmica gogada e cordoada (séc. IV J. C.)

— facto que pode sugerir certas sobrevivências de cerâmicas da idade do bronze — parecem induzir a existência de uma tenda de oleiro nas proximidades ou abastecendo-se dos barros de Rates, centro que também abasteceria algumas das olarias fornecedoras da Cidade de Terroso.

Surgem inúmeros testemunhos da influência romana no fabrico de louças e assim pudemos recolher olas de paredes finas, de que o barro foi previamente coado e dele tirada toda o areão de forma a dar uma parede mais delgada e resistente. Outros, porém, embora finos acusam uma cocção deficiente e

mal cuidada. Todavia são sempre provenientes de cerâmica tardia, talvez do século III-IV.

São mais vulgares os fragmentos de louça de paredes grossas, decorada singelamente, sem a exuberância ornamental das cerâmicas tipicamente castrejas.

A decoração das louças é por vezes incisa, de motivos geométricos, formando fita, separados uns dos outros por cordões paralelos e originados pelo deslizar dum ponteiro. Os alfarelos fornecedores de Argifonso empregaram também o *gogo*, ainda em uso nos oleiros transmontanos, ornamentando o colo das suas

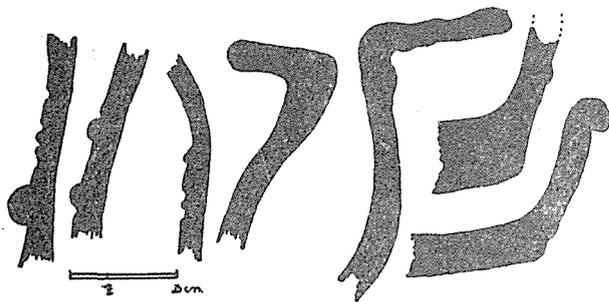


Fig. 5 — Perfis da cerâmica de Argifonso

peças com um reticulado formado pelo entrecruzamento de linhas paralelas orientadas em dois sentidos quase perpendiculares.

Surge assim uma cerâmica algo diferenciada da vulgarmente chamada castreja. São restos de louças, quase sem ornamentação, de tradição romana, acusando ainda fortes reminiscências da técnica castreja, sobretudo no respeitante à espessura e natureza das pastas de algumas das vasilhas.

Do exame destas cerâmicas verifica-se que se seguiam tanto os processos tradicionais dos romanos, como também as técnicas indígenas, porém, sem a exuberância das decorações peculiares das mais antigas louças castrejas. Estava no fim a Idade-Clássica. Prestes chegariam os pouco conhecidos tempos medievos.

Acentuando-se a decadência na cerâmica indígena aparece simultaneamente a *pseudo-sigillata* feita dum barro vermelho, grosseiro, de muito pouco lustre ou então, com um verniz-mate e quase sempre os fragmentos encontrados pertencem a um prato ou tijelas de bordas baixas. É a época em que a *terra sigillata* perde a pureza do seu barro e a perfeição dos vernizes, empobrece ou modifica-se a decoração, aumenta o número das localidades da Península em que esta espécie de louça é

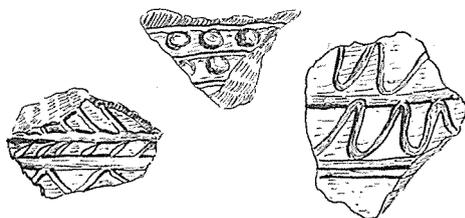


Fig. 6 — Cerâmica ornamentada

fabricada. Ao mesmo tempo a outra louça ordinária uniformiza os tipos romanos habituais.

Na louça de todos os dias é curioso observar o uso irregular da matéria-prima — os barros são de valor variável, — a pasta nunca é aprimorada surgem as louças grosseiras, de barro mal cozido, de barro mal amassado o que implica o emprego de paredes grossas. A cocção é deficiente, denotando falta de cuidado com a temperatura da soenga, aparecendo integradas na pasta inúmeras partículas soltas que não fundiram.

As formas não são muito variadas e derivam das suas avoengas romanas ou indígenas.

Associada a velhos temas ornamentais, de uso tornado cada vez mais raro, aparece noutros potes uma ornamentação distribuída em séries variáveis de linhas paralelas horizontais, traçadas ao torno, aplicando sobre o barro brando um ponteiro mais ou menos grosso; ligando estas linhas vêem-se a preen-

cher a banda umas outras encaracoladas, formando parece que laços ou zigzague (7).

As formas não deveriam ser demasiadamente numerosas e são principalmente os últimos termos da evolução das formas céltico-romanas, mais vulgarmente denominadas castrejas. Surgem-nos potes de colo estreito ou largo, de colo circular ou trilobado, com uma só asa, espessa e grosseira, imposta no interior ou mais raramente no exterior de pança cilíndrica ou ovóide.

Recolhemos também fragmentos de outras louças de paredes finas sem qualquer decoração, verificando no entanto uma acen-

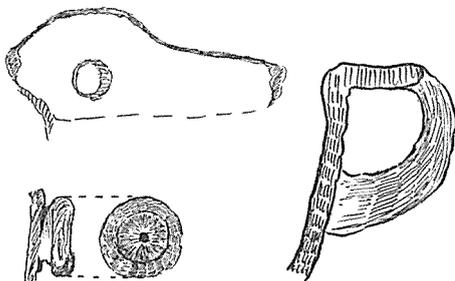


Fig. 7 — Tipos de asa

tuada decadência cerâmica, devendo pertencer os fragmentos encontrados a uma época próxima do século IV e portanto aos tempos contemporâneos da dominação suevo-visigoda.

O espólio metálico fornece abundantes testemunhos de ter havido neste cômodo fundição de ferro e vários são também os objectos feitos com este metal. São argolas, pregos de vários tamanhos e outros fragmentos de uso indeterminado.

Entre os que foram encontrados destaco um alvião de tipo romano evoluído, semelhante a outros encontrados em certas jazidas de certo modo influenciadas pela gente visigótica.

(7) José Ferrandis — *Artes decorativas visigodas*, in *Hist. de España*, de Menendez Pidal, vol. III, Madrid, 1940.

\*

\* \*

Os documentos encontrados mostram-nos que devem pertencer à época em que a urbanização castreja se modifica. A julgar pelo que ficamos a conhecer pelas escavações da *Civitas Bocontii*.

As observações de Alberto Sampaio e tiradas das escavações da Cidade de Terroso: — «*posto que uma da outra vez se vejam arruamentos, as edificações afectam contudo uma disposição particular: Juntam-se em grupos de poucas casas, com um pátio com um ladrilhado não raras vezes em xadrez ou quinconce — disposição muito característica e que deve ser tomada em consideração, pois indica que a população se repartia em pequenas unidades*» (8), testemunham, como judiciosamente diz o Prof. Joaquim de Carvalho, em termos devidos de relativo progresso na construção da moradia, na divisão do trabalho, no cómodo dos utensílios e alfaias (9).

Nestas centúrias, parece que o conceito da propriedade familiar e privada se vai radicando, cada habitação ocupa cada vez maior terreno e as moradias vão-se complicando, agrupando à sua volta vários outros compartimentos.

Cada vez são mais numerosas as ruas formando um quadriculado quase regular, e são pavimentadas com grandes lajes ou de espessas camadas de formigão — uma espécie de *opus caementicium*. Este formigão é também empregado na pavimentação das choças castrejas, e vêmo-lo igualmente usado nas cidades romano-

---

(8) *As vilas do Norte de Portugal*, in «Estudos históricos e económicos», vol. I, Porto, 1923, pág. 21.

(9) *A cultura castreja*, in «Ocidente», vol. XXIX, pág. 7, Lisboa, 1946.

-visigodas, como por exemplo a formar parte dum pavimento duma quadra recém-descoberta de *Conimbriga*.

Na orla das ruas, quase perpendiculares, aparecem muitas vezes, não as paredes das habitações, mas sim muros, de aparelho mais fruste e menos cuidado, que, envolvendo uma série de quadras, algumas, com certeza, destinavam-se a albergar os ousios da exploração da terra, outra delas destinada à habitação do citaniense, estoutra a cozinha, como se reconhece pela existência de fornos e lareiras, etc. O centro do conjunto habitacional era muitas vezes, senão no todo, ou em parte forrado por grandes lajes de granito ou piçarra, defendendo as casas da infiltração das águas, evitando os lamaçais inverniços.

Nestes últimos tempos da evolução castreja, afirma-se melhor e duma forma mais vincada a provável existência do conceito individual da propriedade — quiçá influenciada pelo parcelamento das terras iniciado pelos romanos.

Uma outra questão que merece estudo mais detalhado é a que se liga à distribuição das habitações castrejas de planta circular ou rectangular, sendo cedo para, talvez, daí se poderem tirar conclusões etnológicas. Aparecem intimamente misturadas casas de planta quadrangular, com outras elípticas ou circulares, quer a Norte quer a Sul do Douro. Porém, parece-me que a casa de planta quadrangular de arestas vivas é coeva da dominação romana, não tendo portanto antecedentes castrejos, quero dizer pré-romanos.

Também podemos afirmar que na área castreja, muitos dos povoados não foram — como muita vez se tem afirmado — abandonados obrigatoriamente, à medida que a conquista romana se foi estendendo a estas regiões, então mal conhecidas e longínquas. Muito ao contrário, sucede por exemplo como em Talábriga <sup>(10)</sup>, hoje Labruja, nos contrafortes da Serra de Arga, nas

---

(10) Julgo ter presentemente localizada a Talábriga referida por Apiano.

margens do Lima — os conquistadores deixaram ficar nos povoados as populações recém-dominadas. Eis o que nos conta Apiano: — «*Equis et commeatu et pecunniis publicis cum reliquo publico apparatu, adentis, oppidum illis praeter spem habitandum redidit*» (11).

Tiravam-lhes, pois, os meios de transporte, os dinheiros públicos, as comedorias, mas deixavam-lhe para moradia o casario dos *oppida*.

Como, se os citanienses tivessem sido obrigatoriamente expulsos dos câmoros fortificados, era possível encontrar neles tantos testemunhos duma romanização avançada e mesmo tantos outros objectos contemporâneos dos cuado-suevo e visigodos.

Destes tempos, próximos ao século V, em que as comarcas castrejas foram de novo invadidas e novamente uma pequena minoria, garantia um domínio militar e político sobre a grande maioria das mesmas populações indígenas, temos outro depoimento escrito por um hispano-romano, o bispo Idácio: *Hispani per civitates et castella resideri a plagis barbarorum per provincias dominantium se su subiciunt servituti* (12).

Ao domínio dos romanos, seguiu-se a ocupação dos suevos, logo seguidos dos visigodos. Os seus costumes são idênticos e igual o procedimento para com os vencidos (13). Os suevos longe de alterarem a estrutura social que encontraram, aceitaram-na, integrando-se nela.

\*

\* \*

Volvidos vinte e sete anos depois da queda do Império visigótico, Afonso I, como Pelágio antes, empenhou-se na reconquista

---

(11) Apiano — *De Rebus Hispaniensibus*, IV, 73.

(12) Momsen — M. G. H., 1893. Marcelo Matias — *Cronicon de Idacio*, 2.<sup>a</sup> ed., Orense, 1906.

(13) Alberto Sampaio — *Estudos Históricos e Económicos*. Vol. I, Porto, 1923.

das terras dominadas pelos Árabes. Ao mesmo tempo que expulsava os sarracenos, tomava conta das terras das populações descendentes dos hispanos-romanos, arrogando direitos de presúria. Derrogava assim direitos constituídos legalmente <sup>(14)</sup>, estabelecendo uma profunda desordem, resultante da carência de governo regular, do estado de guerra incessante e da nova concepção dos direitos da coroa sobre os prédios.

Foi nesta época de presúria que se efectuou, com a substituição dos proprietários, uma quase geral mudança do nome dos prédios. Os documentos da época explanam o motivo, porque na dominação dos prédios, encontramos hoje nomes pessoais de origem goda, ou antes neo-goda. Dada a derrogação dos direitos consuetudinários, os senhores mudaram, e com eles, em geral, a denominação das *vilas*.

Relativos aos séculos X, XI e XII, muitos são os documentos que citam o Castro Argefonsi, como topónimo referenciador, ao tratar de vendas, escambos ou doações, de glebas das *vilas rústicas* das proximidades.

Assim em 985 Dulcenida vende a Vermudo: . . . *ereditate iacentia in locu predicto fiqueroia subtus castro Argefonsi discurrentis ribulos ave et teritorio Portugal* <sup>(15)</sup>.

Em 1012: *Gunsalvo Rauparizi et conjungia mea Monia ploris Suarii vendemus a Tendon Pelagizi ereditate. . . que avemus in villa Fornello subtus Kastro Argifons Teritorio Portugalensi inter Aue et Alister* <sup>(16)</sup>. Os mesmos em 1052 procedem a nova *venditionis de ereditate nostra que avemus in uilla fornell subtus Kastro Argefons teritorio portucalensi inter ave et alister* <sup>(17)</sup>.

---

<sup>(14)</sup> Alberto Sampaio — *Op. cit.*, pág. 53.

<sup>(15)</sup> *Portugalice Monumenta Histórica, Diplomata et Chartae*, pág. 94.

<sup>(16)</sup> *Idem, idem*, pág. 133.

<sup>(17)</sup> *Idem, idem*, pág. 232.

Petro andulfizi compra em 1056 bens: . . . *in uillas quos uocitant fiqueirola et segmondi teritorio portugalensis subtus Kastro argefonsi inter aue et alister* (18).

Pela sua importância, pois indica quais os limites da Vila vendida extracto o documento de 1080, em que o já citado «*Gunzalvo rauparici et uxo sua munia . . . ad vobis Gunzalvo Gutierri et uxor vestra Gelluira Kartula venditionis sigut et facimus de villa nostra propria quos vocidant fikeirola quos gananimus per precio et kartas et abet iacentia subtus Kastro argefonsi discurrente rribulo aue in teritorio portugalensis. damus nobis illa persuis terminis et vicis et llocis antiquis et cum suas piscarias et suos mulinos in rribulo aue accessu et rregresu et camitis prestationibus suis que in se obtinet et aportidum ominis est ubique in illa podenritis innerrire et dividet cum uilla bocunti et de alia parte cum villa celteganus et de tercia parte cum villa lamesimus*» (19). Estes lugares citados ainda hoje são conhecidos por nomes que derivaram daqueles, assim: Bagunte, Celtações e Lamelas, etc.

Já no século XII ainda são frequentes as citações.

1102, Março 18, Paio Soares vende a Guterre Soares metade duma propriedade em Moldes: . . . *in loco predicto ad ila Olibar subtus Castro Aregefonsi et ciuitas Bocunti discurrante ribulo Alister teritorio Bragarensis* (20).

Em 1107 documenta-se a venda do . . . *monte de poco de Abuino subtus mons Kastro Argefonsi* (21).

A 4 de Janeiro de 1109 Goldregodo Cides doa metade da *villa de Bario* ao Mosteiro de São Simão da Junqueira . . . *ad locum*

(18) *Idem, idem*, pág. 244.

(19) P. M. H. D. C. pág. . . .

(20) *Documentos Medievais Portugueses*, edição da «Academia Portuguesa de História», Lisboa, 1943, pág. 55.

(21) *Idem, idem*, pág. 236.

*sanctorum Simeonis et Iude apostolorum et alias reliquias que ibi recondita sunt que est fundata in uilla Frenandi subtus mons ciuitas Bogonti castro Argefonsi teritorio Bra(ca)lensis inter Aue et Alister, <sup>(22)</sup>...*

Apesar de tudo a tradição romana não se tinha obliterado. A romanização era ainda a vida moral dessa época antecessora da nossa: a terra continuava a ser como a extensão da personalidade do homem que a trabalhava e possuía.

(Porto, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular).

---

<sup>(22)</sup> *Documentos Medievais Portugueses*, edição da «Academia Portuguesa de História», Lisboa, 1943, pág. 55.